

Espaços híbridos e ressignificações: o exemplo do grupo de Facebook LDRV¹

Fernanda Costantino²

Luiza Barata³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

A presença quase que permanente da internet, em diversas formas de comunicação, acaba por estimular um outro olhar sobre espaços e interação. A divisão entre o “real” e o “virtual”, já ultrapassada, passa a dar vez aos espaços híbridos, onde as fronteiras entre o ambiente digital e o físico são borradas. O que altera também a forma como nos relacionamos uns com os outros, nos colocando em estado de ubiquidade e presença constante, além da possibilidade de acesso a contextos remotos de experimentação. Dentro desta perspectiva, nosso objetivo neste artigo é analisar publicações que circularam pelo grupo de Facebook Lana Del Ray Vevo e mapear, por meio da observação participante e de entrevistas, formas de comportamento e relações espaciais que os membros da comunidade estabelecem.

Palavras-chave: Espaços Híbridos; Ubiquidade; Mobilidade; Facebook; Lana Del Ray Vevo.

Introdução

No dia 1 de fevereiro, uma das chamadas na página GShow, do portal G1, era “Conheça o capixaba que foi parar nos 'trending topics' por conta de um cofre”⁴ seguida do complemento “todo mundo está querendo saber o que tem dentro do cofre que deve ser aberto nesta quarta-feira; entenda a história”. A matéria publicada no site fazia referência a um dos assuntos mais comentados nas redes sociais daquele dia.

A “tour do cofre” começou no Facebook, mais especificamente no grupo secreto Lana Del Ray Vevo (ou LDRV)⁵. Não demorou muito para que o assunto logo extrapolasse os comentários, curtidas e dezenas de memes que circularam, no primeiro momento, no grupo – que, atualmente, conta mais de 600 mil membros⁶ – e passasse a ser explorado de forma pública nos perfis de usuários e também em outras páginas, como o Twitter, onde chegou no dia 1 de fevereiro ao primeiro lugar dos Trending Topics do Brasil.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano – Universidade Federal Fluminense – UFF.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano – Universidade Federal Fluminense – UFF.

⁴ Link disponível em <http://gshow.globo.com/TV-Gazeta-ES/Em-Movimento/noticia/2017/02/conheca-o-capixaba-que-foi-parar-nos-trending-topics-por-conta-de-um-cofre.html> acessado em 11 de julho de 2017.

⁵ Não incluímos aqui o link para acesso ao grupo, já que o mesmo é secreto.

⁶ Dados referentes ao acesso em 11 de julho de 2017.

O caso teve início poucos dias antes, quando o jovem do Espírito Santo, Welker Maciel, publicou no grupo LDRV que um segredo de família estava prestes a ser revelado. O tal segredo, que teria sido guardado por gerações, estava dentro de um cofre que ficava há anos em sua casa e que deveria ser aberto naquela semana. O desfecho da história também viria à tona no grupo do Facebook. A ideia era justamente que os seguidores acompanhassem o desenrolar de toda a história – do início ao fim, por meio das atualizações daquela postagem, ainda que não conhecessem Welker, nem seus parentes.

Em um primeiro momento, pode soar um tanto quanto inusitado que algo secreto, que fora escondido por anos e que deveria ser íntimo, possa ter ido parar em uma página com milhares de pessoas. Porém, uma das características do grupo Lana Del Ray Vevo é justamente o fato de alguns de seus participantes se sentirem à vontade ou confortáveis o suficiente para expor problemas que poderiam ser considerados de âmbito mais pessoal. Welker Maciel não foi o primeiro membro a expor questões de intimidade, pelo contrário, questões íntimas são expostas frequentemente entre aquelas pessoas que buscam, por meio das publicações, a intervenção do outro sobre seus problemas, casos e relatos.

Assim, entre as inúmeras publicações, há aquelas de cunho mais íntimo, como, por exemplo, pessoas que buscam apoio de outras que circulam pelo Lana sobre como assumir a homossexualidade para a família, como enfrentar uma gravidez não planejada ou como resolver problemas de relacionamentos, intercaladas por *posts* que simplesmente fazem circular informações sobre opiniões a respeito de uma banda, roupas ou sobre “qual foi a melhor fase da vida”.

A “tour do cofre”, como ficou conhecida a publicação de Welker, foi um divisor de águas para o LDRV. O episódio é lembrado até hoje por diversos membros que alegam que, a partir dali, o grupo deixou de ser um espaço reservado, permitindo a entrada repentina de dezenas de milhares de pessoas em poucas horas⁷. O atual grupo LDRV foi criado em 15 de dezembro de 2016 e está atualmente na 9ª era (GODOI, OLIVEIRA; 2017), termo que determina a “temporada” do grupo, que é frequentemente renovada. A divisão por “eras” é uma estratégia por parte dos moderadores de tentar conter o crescimento desenfreado do grupo, já que os avisos sobre a mudança de “eras” não são publicados de maneira explícita na página, mas em códigos, geralmente pelo

⁷ Existe, inclusive, certa ideia de hierarquia ecoada pelo grupo, valorizando membros que já eram parte do Lana antes da ocasião.

uso do termo “me arrebatá”. Desta forma, a ideia é basicamente tentar frear, até certo ponto, a entrada de novos membros.

Apesar disso, a questão do controle de membros na página é algo bastante curioso que deve ser destacado aqui para mapearmos o campo sobre o qual este artigo trata. Ao mesmo tempo em que é secreto – ou seja, não é possível pedir diretamente para fazer parte daquele grupo –, não há grandes restrições para ser um dos integrantes. Para ser aceito no Lana, basta que o usuário seja adicionado por alguém que já seja seu amigo no Facebook e que já esteja no grupo, e, posteriormente, ser aprovado por um dos moderadores da página.

O grupo é formado por pessoas de todo o Brasil e possui códigos e condutas próprias, que extrapolam as fronteiras do grupo. Há uma série de gírias, memes, reações e formas de interação próprias da comunidade e seus membros, que passam a se identificar uns com os outros a partir do uso dos mesmos. Recentemente, a página lançou uma loja virtual, na qual são vendidas camisetas com algumas frases próprias do LDRV. Além disso, regularmente, o grupo promove eventos e festas em seu nome, convidando seus membros para o encontro e mobilizando um grande número de adesões. Esses e os tipos de publicações do grupo, como a descrita anteriormente, são só alguns exemplos do quanto o grupo Lana Del Ray Vevo extrapola as fronteiras do espaço *online* e projeta novas significações para o espaço urbano.

Neste artigo, pretendemos explorar as formas como a comunidade virtual se entrelaça às experiências físicas nos ambientes *offline* de interação e estabelece novos sentidos ao espaço. Para tal, iremos lançar luz à discussão sobre como os próprios espaços passam a ser conceituados a partir do atual uso da internet – realizado através de dispositivos e internet móveis, que permitem uma comunicação ubíqua e estabelecem a formulação de novos espaços híbridos de experimentação. Em seguida, iremos analisar, pelo período de uma semana, por meio da observação direta, o funcionamento do grupo e as principais publicações daquele período, e, por fim, realizar entrevistas com quatro membros do grupo. Nesse ponto, cabe ressaltar nossa própria posição enquanto pesquisadoras e também enquanto membros da comunidade. Estamos no LDRV desde 2016, participando de suas conversações e estabelecendo conexões desde esse período com outros usuários, principalmente a partir do uso de dispositivos móveis, fazendo com que o grupo se tornasse parte de nosso próprio cotidiano.

A partir de nossa perspectiva e familiaridade com a página, estabelecemos nosso recorte e aproximamos nossas impressões com a revisão bibliográfica levantada para analisar o quanto o grupo LDRV pode ser percebido dentro das novas conceituações acerca do espaço e o quanto o mesmo gera novos sentidos e significados nas experiências afetivas, sensoriais e cotidianas de seus usuários, inseridos agora em espaços híbridos de experimentação.

Espaços híbridos e ressignificações

Estudos iniciais sobre formas de usos da internet, que passaram a levar em consideração as trocas de mensagens *online*, geralmente acabavam subestimando esta modalidade de conversação. Pesquisadores das décadas de 1980 e 1990 apontavam a forte distinção entre o mundo “real” e o “virtual”, como se os espaços existissem um em paralelo ao outro. Dessa maneira, acabavam criando certa hierarquia entre o que era mediado por computadores e o que não era mediado, dando maior relevância a este tipo de troca.

Com o avanço tecnológico, outras formas de se tentar entender como aconteciam trocas sociais em espaços da internet começam a se desenvolver. Quando Pierre Lèvy conceitua, em 1999, o que chama de ciberespaço, chega a definição do mesmo “como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (p. 92). Uma visão que enxergava os conteúdos produzidos na internet como uma nova forma cultural, a cibercultura, colocando-a, de certa maneira, em paralelo com outros arranjos culturais que a prescindiam⁸.

Só que, quase vinte anos depois, as novas tecnologias móveis de comunicação exigem uma revisão deste conceito. Em estudos mais recentes, Hine (2016) afirma – e não é difícil percebermos – que as mídias digitais se tornam parte intrínseca do nosso cotidiano, e não uma esfera separada de nossa existência social. A autora apresenta três qualidades que considera como principais para a definição da internet como a experimentamos hoje: incorporada, corporificada e cotidiana. A primeira qualidade diz respeito ao fato da internet ser um componente do nosso dia a dia, fazendo com que a mesma passe despercebida em nosso cotidiano. Isso acontece em um contexto onde a conexão é, cada vez mais, realizada a partir de dispositivos móveis de interação, o que

⁸ Para Pierre Lèvy, cibercultura é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999, p. 17).

gera uma fusão complexa entre espaços *online* e *offline*, além de ofuscar cada vez mais as fronteiras entre ambos. A internet corporificada diz respeito ao fato de uma experiência *online* não ser mais vista como uma forma distinta de experiência, produzindo uma resposta emocional tanto quanto experiências em outras esferas. Por fim, Hine qualifica a internet como cotidiana pelo fato da mesma já ser algo dado e um aspecto comum de nossas vidas, borrando cada vez mais os limites entre espaços físicos e digitais.

Lúcia Santaella (2013) atenta para o fato dos indivíduos ganharem uma nova característica com a expansão do acesso à internet e a computação móvel e pervasiva: a ubiquidade. Os aparelhos móveis de comunicação permitem uma sensação de presença perpétua, com a possibilidade de sermos sempre contatados e estarmos em permanente contato com experiências em outras esferas. Além disso, para Santaella, “abriu-se o horizonte da vida em estado de simultaneidade, ou seja, ao mesmo tempo em que é vivida, a vida pode ser contada”. Dessa forma, para a autora, os espaços passam a ser encarados como espaços multidimensionais, nos quais as diferentes camadas de experiência *online* e *offline* se inter cruzam em cidades interfaceadas.

Os ambientes da vida, de trabalho, de lazer, de moradia, de circulação nas geografias dinâmicas dos ambientes urbanos estão hoje hiperequipados com interfaces tecnológicas que se comportam como extensões e amplificações do corpo, das percepções, da mobilidade, da memória, da mente, da cognição humana e da interação e conversação dos humanos entre si, e agora também com os objetos e os ambientes sensorizados e, portanto, sencientes. A cidade feita de espaços interfaceados passou a ser uma arena de informações ubíquas e ações performativas executadas por indivíduos estendidos e mediados por essas interfaces (SANTAELLA, 2013, p. 69-70).

André Lemos também trabalha essa nova visão acerca dos espaços mediados. Para o autor, há, com o advento da internet, um primeiro momento visto como a “fase do *upload*” (2009), ou seja, a desmaterialização da cultura e sua subida para o ciberespaço, encarado como uma realidade a parte. De acordo com Lemos, essa visão muitas vezes gerava discursos apocalípticos que viam a virtualização como algo negativo e como o apagamento das experiências no campo físico. Com as mídias locais⁹, passamos para uma segunda fase, chamada por Lemos como a “fase do *download*” – ou seja, a fase em que as informações contidas nos espaços digitais passam

⁹ André Lemos conceitua mídia local como dispositivos, sensores e redes digitais sem fio e seus respectivos bancos de dados, que estão “atentos” a lugares e contextos, ou seja, reagem informacionalmente aos mesmos, estabelecendo trocas e relações dinâmicas entre esses dispositivos e os espaços.

a “vazar” para o ambiente urbano. As mídias locativas aliam mobilidade e localização, fazendo com que as dimensões espaciais, sociais, políticas e culturais dos lugares sejam mantidas e, através da troca informacional com o ambiente, novos sentidos espaciais sejam criados. Dessa maneira, não há apagamento dos lugares, mas os mesmos passam a ser redimensionados. Nas palavras de Lemos:

Devemos definir os lugares, de agora em diante, como uma complexidade de dimensões físicas, simbólicas, econômicas, políticas, aliadas a bancos de dados eletrônicos, dispositivos e sensores sem fio, portáteis e eletrônicos, ativados a partir da localização e da movimentação do usuário. Esta nova territorialidade compõe, nos lugares, o território informacional. (LEMOS, 2009, p. 92)

O território informacional, para o autor, representa essa fusão entre espaços físico e digital, e diz respeito a uma zona cercada por bordas ou fronteiras “que emergem dos lugares oferecendo possibilidades de acesso, produção e distribuição de informação” (LEMOS, 2009, p. 93).

Adriana Souza e Silva complementa essa ideia com seu conceito de espaços híbridos (2006). Para a autora, a possibilidade de estarmos sempre conectados transforma nossa experiência espacial, uma vez que permite que contextos remotos possam ser acessados a qualquer momento no contexto atual, seja por meio de interações sociais digitais ou pelo acesso a informações *online*. Assim, Souza e Silva enxerga os espaços como híbridos, ou seja, como “espaços móveis, criados pelo movimento constante de usuários, que transportam dispositivos móveis conectados à internet e a outros usuários” (SOUZA E SILVA, 2006, p. 262).

A autora define os espaços híbridos a partir de três características: são espaços conectados, móveis e sociais. Conectados por oferecer essa constante possibilidade de acesso à internet, o que faz com que os usuários não percebam mais os espaços físicos e digitais como separados. São espaços móveis por serem espaços sociais em rede definidos pelo uso de interfaces portáteis, o que gera a mobilidade dessas redes e de seus nós. Dessa maneira, os caminhos percorridos entre um nó e outro se tornam mais “visíveis”, reforçando ainda mais a importância do espaço físico para a conexão, afinal, cada ponto espacial representa um nó e interfere no tipo de informação e interação que será acessado. Souza e Silva atenta ainda para o fato de acessarmos a internet móvel, normalmente, em espaços públicos, o que altera nossa experiência *online* e gera novos significados ao ambiente ao redor – agora, a percepção dos espaços físicos não é mais a mesma, pois há, no mesmo, diversos contextos interferindo simultaneamente na

experiência espacial. Por fim, Adriana Souza e Silva caracteriza os espaços híbridos como sociais, pois permitem a comunicação com quem está por perto, sem tirar seus usuários dos espaços físicos para a interação. Com as tecnologias móveis, as comunidades virtuais foram potencialmente transferidas para os espaços urbanos híbridos, permitindo o constante fluxo e troca comunicacional.

O uso de espaços híbridos será nossa estratégia para determinar que nosso campo de análise neste artigo não está restrito às formas de sociabilidade dentro ou fora do grupo no Facebook LDRV. Conforme apontaremos em nosso próximo tópico, iremos explorar exatamente o quanto as comunidades virtuais parecem cada vez mais se fundir com os ambientes *offline* de interação e criar experiências e significados novos aos espaços, agora vistos como híbridos e formados pelos contextos físico e digital.

Questões da observação participante

Para a realização deste artigo, dividimos a metodologia em duas etapas: observação participante e entrevista com membros do grupo. A observação participante consistiu em acompanharmos no Facebook, pelo celular e pelo computador, as principais publicações do grupo. Já para a entrevista, optamos por selecionar cinco membros que já faziam parte da nossa rede de contatos – apesar de, como explicamos mais adiante, apenas quatro efetivamente participarem da pesquisa. Para facilitar o envio de publicações onde eles interagiram de alguma maneira no LDRV, criamos um grupo no WhatsApp, onde cada um deles poderiam nos mandar *prints* do que consideravam importante e interessante e que estivesse circulando na comunidade naquele momento. Neste tópico, vamos nos ater aos resultados da observação participante e na próxima seção vamos apresentar os resultados referentes às entrevistas.

Talvez uma das características principais do grupo seja o constante volume de publicações e notificações que membros recebem praticamente o tempo todo. Enquanto participantes, a situação não foi diferente para nós, o que de certa forma facilitou nossa observação sobre o que circulava e, principalmente, incentivou que estivéssemos em constante contato com nosso objeto de pesquisa.

De início, é preciso que justifiquemos o porquê de não trazermos aqui imagens das publicações e comentários que circularam naquele espaço. Uma das questões éticas de conduta do próprio LDRV prevê que nenhum tipo de conteúdo seja vazado, o que geralmente acarreta na suspensão de pessoas que fazem isso. Fato que não deixa de ser

uma questão bastante peculiar porque, como mostramos inicialmente, o próprio grupo já foi assunto até mesmo em portais de notícias e conta com centenas de milhares de pessoas, o que torna esse controle sobre o conteúdo para além da página no Facebook algo difícil de ser supervisionado¹⁰. Mesmo assim, como não é um dos objetivos deste trabalho identificar quem são os membros do Lana, mas sim algo mais voltado ao comportamento das pessoas que ali estão e sua relação com o espaço, optamos por usar apenas a descrição das publicações.

Nossa observação participante estava prevista para ter início no dia 29 de junho, porém os membros entrevistados começaram a nos enviar *prints* de sua participação no grupo na véspera, o que naturalmente fez com que antecipássemos esta etapa da pesquisa e alargássemos o nosso recorte temporal, que durou oito dias – de 28 de junho a 5 de julho. De maneira espontânea, começamos a ter um outro olhar sobre o que circulou durante o tempo da nossa produção. Enquanto recebíamos dos membros *prints* com alguma interferência que eles tinham feito, muitas vezes passamos a olhar para publicações que poderiam ter passado despercebidas, caso eles não tivessem nos enviado, além de nos atentarmos para as questões trazidas na revisão bibliográfica deste trabalho.¹¹

Dentro desse período de tempo, uma das publicações feitas no grupo com maior repercussão foi o caso de Y., uma jovem que contava estar no cinema com uma amiga, flagrando o namorado da mesma com outra pessoa. Outros membros começaram a comentar no *post* indicando o que elas deveriam fazer para resolver a situação, além de acompanharem o desenrolar do caso. Entre centenas de comentários com os mais variados conselhos amorosos e outros que traziam apenas os termos “atenta” ou “ponto” – palavras que são estrategicamente usadas entre membros do grupo para sinalizar que estão aguardando o desfecho de situações cotidianas narradas supostamente em tempo real – a publicação atingiu mais de 54,1 mil curtidas e reações¹².

No próprio dia, poucas horas depois, vários membros do grupo começaram a se questionar sobre a veracidade da história. A “tour do cinema”, como se popularizou o relato de Y., acabou tendo outras vinte e quatro versões, onde os participantes se

¹⁰ Não raro, os próprios membros do LDRV acabam incentivando que expressões e publicações mais emblemáticas extrapolem as fronteiras da rede social. Até mesmo uma boate chegou a ser inaugurada em 2017, no Rio de Janeiro, com toda a campanha de divulgação baseada em termos usados pelo grupo.

¹¹ Nesse ponto, cabe ressaltar que o próprio Facebook trabalha com algoritmos, destacando as publicações que nossos amigos estão interagindo e aquelas que possuem uma maior quantidade de comentários e reações, e ocultando as com menor volume de interação. Assim, resolvemos trabalhar com os próprios algoritmos, já que nossa observação pretendia ambientar a pesquisa, trazer os principais casos daquela semana e acompanhar os entrevistados no grupo.

¹² Número referente ao acesso no dia 13 de julho de 2017.

aproveitaram de brechas na história para se apropriarem dela. O termo “tour” é uma das principais marcas do grupo e caracteriza quando membros convidam outros participantes do LDRV a “passearem” por suas histórias, propondo formas de interação aos relatos que são publicados. Em resposta às acusações de que a história seria falsa, Y. começou a compartilhar *prints* de conversas e fotos do cinema, na tentativa de provar que o que estava falando era verdadeiro.

Quando uma história é narrada – seja ela nos meios digitais ou não – a sua veracidade pode ser sempre um ponto a ser questionado. O que percebemos no LDRV é que os membros, geralmente, se preocupam em trazer evidências que complementem os relatos publicados no grupo. Dessa forma, áudios, fotos e vídeos costumam ser usados na tentativa de provar que aquilo é, de fato, o que ele está vivenciado no momento. Conforme explorado no tópico anterior, Santaella (2013) mostra que uma das formas de vivenciar um acontecimento hoje é esse estado de simultaneidade e ubiquidade, no qual estamos, ao mesmo tempo, em contextos diferentes vivenciando e narrando aquela experiência.

Outro exemplo que mostra esse estado de ubiquidade explorado anteriormente e que ocorreu no período de nossa observação participante, no dia 5 de julho, foi a história de F., que encontrou a ex-cunhada dormindo no sofá de sua casa. Ao mesmo tempo em que os acontecimentos ocorriam, F. registrava no grupo cada etapa da polêmica, respondendo aos questionamentos que os membros faziam sobre partes da sua narrativa. No dia 13 de julho, a publicação contava com 52,2 mil curtidas e centenas de comentários.

Os dois exemplos acima citados mostram que os espaços físico e digital, hoje, se confluem e criam experiências sensoriais e afetivas com reações ocorrendo em ambos. Assim, ao mesmo tempo em que estavam no cinema ou na sala de sua própria casa, os usuários e membros do grupo podiam acessar um novo contexto – o contexto do que era discutido no LDRV – e complementar sua experiência, de forma que o que ocorria no grupo poderia afetar o que ocorria nos espaços urbanos e vice-versa. Além disso, a partir de seus dispositivos móveis, as jovens dos exemplos citados podiam registrar, por meio de fotos, vídeos ou áudios, aquilo que vivenciavam e compartilhar suas experiências com outros.

Por fim, cabe ressaltar também o relato de V., que ocorreu no dia 5 de julho. O jovem publicou no grupo que estava prestes a se assumir para sua mãe como bissexual e

perguntava para os outros integrantes quando eles haviam se assumido para seus pais. Em minutos, a publicação recebeu inúmeros comentários com outros membros narrando suas experiências e mandando mensagem de apoio para o rapaz. Além de retratar essa confluência entre experiências que ocorrem nos espaços *online* e *offline*, o exemplo também nos aponta o quanto o grupo Lana Del Ray Vevo pode criar novas significações para as experiências pessoais e para a relação com os espaços.

Tim Cresswell (2008) nos mostra que a transformação do espaço em lugar é algo que acontece por meio da apropriação ou reapropriação do próprio espaço. O lugar é tido como forma de entender o mundo e como fazemos dele algo significativo, repleto de experiências e sentidos. Já o espaço é visto como algo despersonalizado, aquilo que é comum a todos. No Lana Del Ray Vevo, o meio de entrada de membros é feita única e exclusivamente a partir de pessoas conhecidas, que já fazem parte do grupo, tornando-o algo já de certa maneira dotado de significação. De toda forma, é completamente plausível que, apesar de estar naquele grupo, o usuário simplesmente não se identifique com o conteúdo veiculado e não se apropriar daquele espaço, nem criar para ele qualquer espécie de significado.

Em contrapartida, o que o exemplo de V. nos mostra é que o espaço do LDRV é, muitas vezes, apropriado de tal maneira que os membros o transformam em um lugar seguro e confortável para narrar experiências íntimas com um grande número de pessoas que, a princípio, não se conheciam. Além disso, as interações ali contidas também fornecem para seus membros respostas emocionais para suas experiências pessoais, ressignificando também aquilo que ocorre fora do grupo e do ambiente digital.

Para completar, vale ressaltar que, depois de já ser membro do LDRV, é preciso que o participante entenda o que é esperado dele naquele espaço. Apesar da variedade de conteúdo, é necessário que ele saiba o que é adequado e o que é considerado “fora de lugar”, caso queira se manter ali. Portanto, é importante que os membros entendam os códigos e as formas como os conteúdos são veiculados e o que é esperado como resposta. Há inúmeras gírias e palavras usadas no grupo que, de certa maneira, o caracterizam e funcionam como um sistema de identificação entre seus participantes, criando significados e afetos dentro daquela esfera.

Entrevista com membros

As entrevistas com participantes aconteceram entre os dias 9 e 11 de julho, por meio de questionário do Google Docs. Do dia 28 de junho ao dia 5 de julho, recebemos um total de 103 *prints* sobre como os nossos entrevistados haviam interagido no grupo. Antes de enviarmos as perguntas aos participantes, dividimos em quatro categorias as publicações que eles tinham nos enviado. Vale ressaltar que não é nosso objetivo aqui fazer uma pesquisa quantitativa sobre o que circula no grupo, como foi feito anteriormente pelos autores Godoi e Oliveira (2017).

No entanto, sentimos a necessidade de sistematizar, minimamente, resultados que nos foram enviados para a elaboração de perguntas. A categorização, de acordo com Bardin (2014), consiste em classificar elementos em categorias, o que “impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros”. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles” (p. 119). Dentro deste princípio, dividimos os *prints* em cinco temas: consumo/ consumo midiático; comportamento/ personalidade; humor; interferência cotidiana/ experiências pessoais e regras do grupo.

Em muitos momentos, percebemos que as categorias acabaram se entrelaçando ou se sobrepondo, mas conseguimos estabelecer algumas características principais que nos orientaram a diferenciá-las, minimamente. Em “consumo/ consumo midiático” procuramos classificar publicações que tinham com o ponto principal algo que girava em torno das práticas de consumo, tanto de bens materiais, como roupas e comida, ou culturais, como alguma celebridade ou série. “Comportamento/ personalidade” foi a nossa segunda categoria, onde procuramos enumerar publicações que estavam mais ligadas a tópicos de escolhas pessoais, preferências e sentimentos em relação a questões identitárias.

Para a seção sobre humor, de maneira bastante simplificada, incluímos apenas publicações que faziam referência a alguma piada, situações engraçadas ou até mesmo a memes e vídeos de humor. Em “interferência cotidiana/ experiências pessoais” incluímos *posts* onde as pessoas expõem-se, não só relatando algum caso, mas pedindo dicas para os demais membros sobre o que fazer nas mais diversas circunstâncias, muitas vezes em tempo real – como aquelas expostas no tópico anterior deste artigo. Por fim, no quesito “regras do grupo”, nos voltamos para publicações em que os participantes do LDRV são convidados a se inteirar sobre normas internas do grupo, que são atualizadas com certa frequência.

Apesar de contarmos com cinco membros no grupo de WhatsApp criado para recebermos os *posts*, quatro entrevistados participaram efetivamente da pesquisa e responderam aos nossos questionamentos – duas pessoas do sexo feminino e duas do sexo masculino, com idades entre 24 e 26 anos. Das 103 publicações que recebemos durante este período, a maioria foi em relação a *posts* que estavam relacionados às questões de comportamento e personalidade. Talvez por este tópico ser bastante abrangente e variado, mas principalmente por ser um tipo de publicação bem frequente no grupo – fato observado também através de nossa observação participante.

Entre alguns exemplos, conseguimos citar situações em que os membros opinaram se prefeririam ir a uma festa ou assistir Netflix com o(a) parceiro(a), se tinham parentes com nomes considerados exóticos, e também *posts* que pareciam requerer respostas mais íntimas, como se gostariam de casar e ter filhos, ou se namorariam alguém mesmo se não amassem esta pessoa.

A segunda categoria com maior participação foi a relacionada às práticas de consumo. Neste sentido, é importante ressaltarmos aqui que, apesar de o grupo contar com a participação de centenas de milhares de pessoas, geralmente assuntos sobre consumo que circulam não têm tanta variedade, são mais ou menos previsíveis. Tanto pela questão de ídolos em comum, quanto pela preferência por determinadas séries em relação a outras e até mesmo a compra de produtos, as *tours* ligadas ao consumo geralmente não surpreendem quem acompanha diariamente o Lana Del Ray Vevo, mas parecem reiterar o que já é minimamente esperado. Existe um perfil, ainda que imaginado, sobre o que é bem visto (ou não) entre membros daquela comunidade, sobre o que traria prestígio (ou não) aos autores das publicações, por meio das curtidas e comentários. O que percebemos por meio da observação participante e pelos *prints* que recebemos, é que este perfil idealizado que paira sobre temas bem aceitos no grupo está muito ligado ao que aquelas pessoas expõem que consomem. Ao todo, recebemos dezoito publicações que entraram nesta categoria, onde os participantes puderam reforçar o entusiasmo por músicas da cantora Anitta, a admiração pela série Grey's Anatomy e algumas preferências alimentares, por exemplo.

A categoria “regras do grupo” contou com apenas duas participações de nossos entrevistados (talvez por não ser uma publicação frequente no grupo). Já as categorias “humor” e “experiência/ interferência” tiveram o mesmo número de participações de nossos entrevistados – dez envios em cada – mas destacamos algumas diferenças entre

esses resultados quando relacionamos ao que circula no grupo. Apesar de ser bem comum haver publicações de humor, levamos em consideração que não recebemos muitas delas porque um dos critérios para o envio de *prints* era que fosse algo considerado relevante para o próprio entrevistado, o que pode ter contribuído para baixa participação sobre esta categoria, já que os conteúdos de humor são bem parecidos entre si. Em contrapartida, relatos sobre experiências e formas de interferência cotidiana são mais raros no grupo, uma vez que não é todo tempo que algum membro narra, em tempo real, algum acontecimento de sua vida, explorando detalhes e abrindo o próprio relato à participação de outras pessoas. Mesmo assim, essa última categoria é a que mais gera envolvimento e participação dos membros da comunidade.

Com base em todo o conteúdo que recebemos pelos entrevistados e aquele coletado em nossa observação participante, formulamos um questionário enviado no próprio grupo do WhatsApp. A primeira pergunta questionava qual o principal meio de acesso ao grupo e quantas horas por dia cada usuário permanecia no mesmo. Todos responderam que acessavam o grupo a partir do celular e dois afirmaram permanecer, em média duas horas por dia no grupo. Um dos entrevistados afirmou que não sabia ao certo quanto tempo permanecia por dia, já que acessava o grupo a todo momento, nos intervalos entre uma ação e outra, nos trajetos de transporte público e nos momentos de espera, acreditando assim que poderia passar mais de cinco horas no grupo. Já outro informante afirmou que permanecia apenas quarenta minutos de seu dia no grupo. Apesar disso, esse mesmo participante foi o que enviou um número maior de *prints* no grupo de WhatsApp.

Resolvemos destacar essas duas respostas, pois elas, de certa maneira, parecem ilustrar bem o que Hine (2016) identifica como as principais características das experiências *online* hoje: a internet passa despercebida em nosso cotidiano, fazendo parte de nossas tarefas diárias e proporcionando uma fusão entre os ambientes *online* e *offline* de interação.

A segunda pergunta de nosso questionário fazia menção a qual o tipo de interação que os membros do grupo avaliavam pertinente para cada publicação – comentar ou apenas curtir ou reagir. Todos os informantes afirmaram que só comentavam em uma publicação quando realmente se interessam ou se identificam com o que estava sendo veiculado, e para publicações menos interessantes, apenas utilizam as opções de reação disponíveis pelo próprio site. Nessa questão, houve também uma

resposta que gerou certo destaque: um dos entrevistados afirmou que, quando via um amigo ou alguém com quem gostaria de flertar comentando no *post*, ele também comentava para ser notado por aquela pessoa, já que o Facebook notifica aos usuários quando um amigo comenta na mesma publicação. Isso, de novo, reforça as características trazidas por Hine (2016) sobre a internet: o que ocorre em ambientes digitais, hoje, gera também uma resposta emocional, interferindo, dessa forma, nas relações afetivas de seu usuário.

Quando questionamos¹³ aos entrevistados se eles se sentiam seguros no LDRV para expor questões íntimas, houve unanimidade: alegaram que não, porque havia muita gente conhecida naquele ambiente. A transformação do espaço virtual, antes tido como desmembrado do “real”, em espaços híbridos, sem fronteiras definidas entre os dois, pode ser uma das causas para tal fenômeno. As pessoas no LDRV não costumam temer figuras desconhecidas, que nunca farão parte do seu ciclo social. Mas justamente aquelas que conhecem – como colegas de trabalho ou até familiares – e que poderiam, hipoteticamente falando, confrontá-las sobre alguma atitude tomada no grupo e passam a ser um fator que causa desconforto em insegurança em expor partes de sua vida.

Por fim, perguntamos aos membros do grupo o que fazia com que eles comentassem em uma publicação na qual outro usuário contava uma experiência pessoal que acontecia naquele momento e, de certa maneira, interferissem naquele acontecimento. Dois usuários responderam que apenas por curiosidade sobre como se daria o desfecho da situação – um deles se surpreendeu com a pergunta e afirmou que nunca havia pensado que poderia, de fato, interferir na situação narrada. Já os outros dois usuários afirmaram que comentavam por acreditar que poderiam ajudar na resolução da situação, mostrando que percebiam que aquilo que comentavam poderia fazer alguma diferença na experiência do outro usuário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante esclarecermos aqui que não buscamos com este artigo enquadrar as milhares de pessoas que fazem parte do grupo LDRV em nossos resultados. No entanto, foi preciso que fizéssemos um recorte proporcional a um artigo acadêmico, realizando assim uma análise qualitativa que pudesse dar luz às ideias propostas pelos diferentes autores levantados neste trabalho.

¹³ Optamos por não incluir o questionário em anexo, mas descrever as perguntas ao longo do texto, por conta do espaço reduzido.

Acreditamos, com nossa pesquisa, contribuir para estudos que promovam a análise de espaços híbridos, já que, assim como o Lana Del Ray Vevo consegue retratar, não é mais possível delimitarmos fronteiras claras entre os ambientes físicos e digitais de interação. Cada vez mais o acesso às redes sociais digitais acontece por meio de dispositivos móveis, fazendo com que a experiência em tais espaços se modique e que a própria rede social se torne também móvel e circundante (SOUZA E SILVA, 2006).

Nosso desafio, neste artigo, foi nos ater às questões propostas em nossa revisão bibliográfica, já que diversos outros apontamentos acerca da experiência no grupo foram surgindo ao desenrolar da nossa pesquisa (apenas para citar alguns: questões acerca da exposição e da intimidade e que poderiam nos remeter a uma discussão sobre espaços públicos e privados, além de questões sobre autenticidade, pertencimento e identidade a partir de um grupo virtual estabelecido em um site de rede social). Entendemos que esta foi uma análise preliminar, inclusive ao que diz respeito à metodologia utilizada, e que novos estudos sobre as formas de interação nos ambientes digitais, acessados a partir de dispositivos móveis, viriam a complementar a proposta trazida neste artigo.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa.: Edições 70, 2004.

CRESSWELL, Tim. **Place**. A Short Introduction. 2004. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

GODOI, Rodrigo Duarte Bueno de; OLIVEIRA, Rodrigo de. Lana Del Ray Vevo: Processo Comunicacional e Organização do Grupo no Facebook. In: **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, 2017. Caxias do Sul. Anais... São Paulo: INTERCOM, 2017.

HINE, Christine. “Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia”. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

LEMOS, André. “Arte e mídia locativa no Brasil”. In: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio. **Comunicação e mobilidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SOUZA e SILVA, Adriana de. “From Cyber to Hybrid: Mobile Technologies as Interfaces of Hybrid Spaces”. In: **Space and Culture**. Vol. 9, Nº 3, August 2006, Sage Publications.